

A pedra como caminho: reflexões etnográficas sobre a relação entre técnica, extratores e pedras na construção civil de Rio de Contas/BA)

Jean Pierre Pierote Silva¹

Resumo: A partir de uma etnografia realizada na cidade de Rio de Contas (BA), esse trabalho propõe-se a apresentar as primeiras reflexões decorrentes desse processo de pesquisa voltado para os modos de relação entre pedras, extratores de pedras e a construção civil dessa cidade. Os itinerários e escolhas feitos durante a realização do trabalho de campo, o uso da câmera como ferramenta de pesquisa e o conhecimento utilizado para a identificação de uma pedreira, serão apresentados como meios para se pensar as fronteiras entre os conceitos de *materialidade* em Tilley (2004) e o *de mundo de materiais* em Ingold (2012). Partindo da percepção dos extratores de pedras perante as pedras, a proposta é pensar esse material não como um objeto estagnado no mundo, mas como uma coisa integrada aos fluxos da vida e do meio ambiente. Endender a fluidez das pedras é essencial para a prática da extração, modelagem e de construção com esse material. Desse modo, esse trabalho é uma tentativa de aproximação da comunicação estabelecida entre pedras e extratores, buscando também compreender os efeitos emergentes dessa relação.

Palavras-chave: pedras; materialidade; mundo de materiais; Rio de Contas/BA.

"Caminha-se por vários dias entre árvores e pedras. Raramente o olhar se fixa numa coisa, e, quando isso acontece, ela é reconhecida pelo símbolo de alguma outra coisa: a pegada na areia indica a passagem de um tigre; o pântano anuncia uma veia de água; a flor do hibisco, o fim do inverno. O resto é mudo e intercambiável – árvores e pedras são apenas o que são." Italo Calvino (1990: 17)

Localizada ao sul da Chapada Diamantina (BA), Rio de Contas, no estado da Bahia, é uma cidade criada por Provisão Real de 1745, classificada como uma das primeiras novas cidades

¹ Doutorando em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade federal de Goiás (PPGAS/UFG).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

coloniais planejadas do Brasil. O descobrimento do ouro, e posteriormente do diamante, foram os principais fatores que motivaram sua criação. Em 1980, a cidade recebeu o título de Patrimônio Nacional pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), concedido devido à excepcionalidade histórica, paisagística, etnográfica e artística de suas edificações, que conta com construções datadas da segunda metade do século XVIII e início do XIX (Pierote Silva 2014).

Sou de Marcolino Moura/BA, Distrito pertencente ao Município de Rio de Contas. Morei nesse Distrito até 2007, ano em que me mudei para Goiânia/GO para cursar Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás (UFG). Além de ser um lugar de memórias e afetos, Rio de Contas ao longo desses dez anos tornou-se também um campo de pesquisa. Desde então, venho trabalhando de forma conjunta em interlocução com novos e antigos moradores da cidade, refletindo principalmente sobre questões relacionadas à memória social, ecologia, permacultura² e o patrimônio cultural local.

Em 2014, um coletivo formado por dois bioconstrutores, uma ecóloga, uma engenheira florestal, um arquiteto urbanista, um casal de cineastas e eu, antropólogo, começamos a elaborar um projeto cultural voltado para a pesquisa e a realização de vivências, vídeos, programas de rádio, exposições culturais e publicação sobre as técnicas, os saberes e os materiais utilizados na construção civil de Rio de Contas. A maioria dos integrantes do grupo moram atualmente em Rio de Contas e possuem uma trajetória de trabalho relacionada à cidade. Desse modo, almejávamos criar uma plataforma onde os saberes tradicionais relacionados à construção civil da cidade pudesse entrar em contato as técnicas da bioconstrução³.

Nesse contexto descrito acima surgiu o projeto Refazer⁴. Com recursos do Fundo de Cultura da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, através do edital 24/2013 "Grupos e Coletivos Culturais 2014", começamos a executá-lo em 2015. Comecei a pensar a partir desse lugar de estar inserido no projeto Refazer a possibilidade de desenvolver um estudo etnográfico no Doutorado em Antropologia Social sobre os processos de transformação dos materiais como a terra, o ferro, a

² Sistema de planificação, preparação e construção de ambientes humanos que, baseados em ecossistemas naturais, buscam estabelecer uma relação sustentável de equilíbrio e de harmonia com a natureza, visando a redução dos impactos ambientais.

³ De acordo com o trabalho de campo que realizei, bioconstrução é o conjunto de técnicas construtivas que supostamente procura englobar planejar, atualizar e manter sistemas de escala humana ambientalmente sustentáveis e financeiramente viáveis.

⁴ <http://refazerriodecontas.tumblr.com/>



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

madeira e a pedra nos processos técnicos operados pelos trabalhadores da construção civil local. Inspirado por Appadurai (2008) no que diz respeito ao método para a análise da “vida social das coisas”, pensava em “seguir os materiais” como estratégia metodológica para investigar a forma com que “pessoas” e “materiais” relacionam-se na cadeia operatória da construção civil.

Com o avanço do processo de pesquisa, percebi a necessidade de delimitar um recorte mais preciso para que fosse possível o aprofundamento das reflexões que surgiram ao longo do processo de investigação. Estive em campo entre os meses de janeiro e agosto de 2016, período em que a pedra também era o elemento pesquisado pela equipe do projeto Refazeres. Na experiência, um universo complexo de conhecimento sobre a pedra foi-se constituindo. As nuances da pedra, as técnicas utilizadas para a extração, modelagem e o uso desse material na construção civil, foram delimitando questões que direcionaram o foco dessa pesquisa para pensar principalmente os modos de relação entre pedras, extratores e a cidade.

Em abril de 2016, a equipe do Refazeres começou a realizar a captura das primeiras imagens fotográficas e de vídeo que foram utilizadas na produção dos documentários do projeto sobre a pedra e os extratores. Atuei como um dos cinegrafistas nesse processo, realizando atividades de pesquisa nas pedreiras, nas casas dos extratores e na cidade de forma geral. As imagens produzidas geraram dois vídeos documentários: “Mestres e ofícios: Zé Boa Fé” e “Caminho das Pedras”. O primeiro retrata a cadeia operatória do trabalho de José Ferreira, extrator de pedras conhecido localmente como Zé Boa Fé. O segundo é um relato do encontro entre o permacultor Nagoy Sol e o pedreiro artesão Fábio do Bonito, durante a construção de um tanque no qual a técnica de assento artesanal das pedras usada por Fábio é utilizada seguindo os princípios da bioconstrução, para aproveitamento de água da chuva.

Os processos de interlocução dessa pesquisa aconteceram principalmente por meio das experiências com esses dois extratores: Zé Boa Fé e Fábio. Eles são considerados os mais habilidosos na cidade no que diz respeito à extração e o uso da pedra na construção civil, porque ambos conhecem profundamente todos os procedimentos relacionados à cadeia operatória da extração, mesmo que o tipo de pedra, de técnica e de relações estabelecidas nesse processo sejam distintas.

O Homem Bomba

Zé Boa Fé, também conhecido localmente como “o homem bomba”, recebeu esse apelido pela sua fama de conseguir quebrar qualquer pedra, independente do tamanho, do tipo e da sua localização. Segundo ele, “*o homem bomba é chamado quando ninguém mais consegue quebrar uma pedra*”.

Conheci Zé Boa Fé na manhã do dia 14 de abril de 2016. Eu, Sol e Maurizio, membros do projeto Refazeres, fomos até sua casa para apresentar o projeto e convidá-lo para participar de uma das vivências do projeto, cujo tema era a pedra. Fomos recebidos por um dos seus filhos. Passamos pela sala e fomos até a cozinha. Lá estava Boa Fé e sua esposa. Sol como proponente do projeto Refazeres, apresentou a proposta do projeto e os objetivos da vivência com pedra. Ele também nós apresentou para Zé Boa Fé, ressaltando que eu era de Rio de Contas. Após esse momento percebi um sinal de estranhamento na fisionomia de sua esposa, que me olhava e provavelmente não me reconhecia como morador da cidade. Em seguida, expliquei que, na verdade, eu era de Marcolino Moura, distrito de Rio de Contas, mas que morava em Goiânia há quase dez anos. Ela deu um sorriso e relatou que trabalhou como professora do ensino infantil durante muitos anos no povoado de Casa de Telhas, situado próximo a Marcolino Moura. Mencionei que estava na cidade também para a realização da minha pesquisa de Doutorado em Antropologia Social, sobre o tema das técnicas tradicionais da construção civil em Rio de Contas, portanto estava ali desenvolvendo dois trabalhos: o audiovisual para o projeto Refazeres e a pesquisa de Doutorado.

Sentamos em volta da mesa da cozinha e Boa Fé nos serviu um café. A recepção por parte do casal foi muito grande. Logo Boa Fé começou a narrar parte de sua história, relatando que não adiantava somente saber manusear os instrumentos para poder trabalhar com pedra, por que a pedra tem vontade própria, nem toda pedra “aceita” ser partida e pode ser trabalhada. Ele deu como exemplo uma pedra que estava tentando partir e que não estava conseguindo, mesmo utilizando a técnica certa que seria a de fazer uma fogueira de fogo baixo e constante em volta dela para facilitar a extração.

Nora fez uma intervenção nesse momento, pedindo para que Boa Fé “contasse o caso do começo” e explicasse como foi que ele aprendeu a trabalhar com pedra. Os dois começaram a sorrir e Boa Fé relatou que em meados dos anos noventa pagou oitocentos reais para um homem que estava de passagem pela cidade e que trabalhava como cortador de pedras para lhe ensinar o ofício. Trabalhando em uma encomenda para esse homem ele acidentou-se, machucando um dos dedos das

mãos, o que o impediu de manusear as ferramentas, restando apenas à observação do trabalho como forma de aprendizagem.

Nora narrou seu sofrimento nos primeiros anos de trabalho de Boa Fé com a pedra. Os acidentes eram constantes, ele já se machucou diversas vezes. *“Eu ficava doida, toda semana ele chegava com um machucado novo, teve uma vez que vieram me avisar aqui em casa que ele estava no hospital, aí fui lá ver e ele já tinha saído e voltado direto para a pedreira, aí tava lá quebrando pedra e com o curativo feito na mão”*, relatou Nora. Depois de um momento em silêncio, Boa Fé mencionou: *“quem mexe com pedra é só doido, eu não sei por quê. Quem trabalha com pedra é quem não tem o que fazer na cidade, tem que tirar pedra para sobreviver. Tem poucos anos, uns dez anos que se começou a plantar em Rio de Contas”*.

Boa Fé aceitou participar do Refazeres. Após esse primeiro encontro estive presente em vários momentos do seu trabalho com as pedras, quase sempre com a câmera na mão. Alguns dias após o encontro com Zé Boa Fé, eu e parte da equipe do projeto Refazeres fomos a procura da família do Bonito, conhecida na cidade pela sua tradição em comercializar e desenvolver projetos na construção civil com pedra.

O Pedreiro Artesão

Situado na rodovia que liga a cidade de Livramento de Nossa Senhora a Rio de Contas, o Bonito é uma espécie de chácara onde vive Fábio com sua família, lá também estão localizadas as pedreiras exploradas por eles. Além do Fábio e sua esposa, residem nesse local quatro de seus irmãos, seu pai e uma tia, tendo cada núcleo familiar sua própria casa construída no terreno. Na entrada da chácara, várias mudas de mangueiras estavam sendo produzidas. No decorrer da conversa, Fábio explicou que estava atualmente investindo nessa atividade econômica, pois era uma oportunidade de conseguir trabalhar em casa e também uma forma de aumentar a renda. Além de ser cercado por montanhas e possuir várias formações rochosas no terreno, o lugar parece ser abundante em água e, de acordo com minhas observações, os jardins estavam floridos e a bem tratados. A primeira sensação chegando ao local foi de aconchego, o silêncio da paisagem montanhosa e verde era interrompido somente pelo barulho da água que regava a grama em volta da casa que atualmente reside Fábio e sua esposa.

Fábio aprendeu com seu pai Cosmo o ofício de extrair e modelar as pedras, atuando nessa função há mais de dez anos. Desde criança ele ajudava seu pai no trabalho, exercendo principalmente a função de transportar as pedras extraídas. Ao longo dos anos Fábio se aprimorou na modelagem das pedras e na criação de ambientes que utilizam esse material como matéria construtivo. Atualmente, ele não trabalha mais diretamente com a extração nas pedreiras, um dos seus irmãos é o responsável por essa etapa. Fábio relatou que seu pai já se acidentou diversas vezes no trabalho, por esse motivo considera perigoso e cansativo o trabalho de extrair pedras, preferindo atuar no acabamento e na modelagem. Ele relatou que antes de trabalhar com a extração de pedras o seu pai trabalhava em um engenho de cana-de-açúcar na Fazenda Teixeira, localizada próxima ao distrito de Marcolino Moura. Nessa época seu pai teve que retornar para a cidade de Rio de Contas e começou a trabalhar na extração de pedras como forma de sustentar a família.

Fábio se denomina como “pedreiro artesão”, pois além de ter prática e conhecer as técnicas de extração, ele desenvolve e executa projetos de *design* de ambientes com pedra. Quando perguntei para Fábio como ele nomeia o seu ofício, ele respondeu: *“pedreiro é quem trabalha na construção civil, quem arranca pedra é doido. O nome do ofício é extrator de pedra, quem assenta realiza o serviço artesanal de pedreiro. Eu uso a profissão de pedreiro para executar um serviço artesanal”*. Fábio também foi convidado pela equipe do Refazer para ser facilitador de uma das vivências do projeto, ele aceitou o convite.

A câmera dança entre pedras: construindo imagens em campo

Sendo assim, a câmera nesse processo de pesquisa operou como um dispositivo/ferramenta que me permitiu uma rápida inserção no contexto de trabalho nas pedreiras. Ela me acompanhou por quase todo o tempo. Com uma câmera Nikon D7000, que fotografa e também grava vídeos, a maior parte das observações feitas durante a pesquisa aconteceu por meio do visor desse dispositivo. Naquele momento, eu não tinha a intenção de editar o material e produzir um vídeo específico sobre o trabalho, o desejo era o de construir imagens que pudessem expressar a experiência estética e etnográfica vivenciada durante o trabalho de campo.

A utilização da câmera foi de grande importância para o registro da cadeia operatória da extração de pedras. Ter produzidos imagens durante o campo tornou possível rever o material

audiovisual durante a escrita, observar por diversas vezes os gestos, o movimento dos extratores e das pedras, ampliar meu entendimento e percepção perante o trabalho de extrair e de construir com pedras.

A utilização da câmara, seja fotográfica ou seja de vídeo, acompanha a prática etnográfica desde o seu início. Assim como ressaltado por Caiuby (2012), a utilização desse dispositivo em campo faz parte da constante negociação do pesquisador ao se inserir no ambiente da pesquisa. Nesse processo não foi diferente, estar com uma câmara na mão ocupando a dupla função de produzir imagens para o projeto Refazer e construir imagens voltadas para o meu interesse etnográfico, colocou-me no lugar do meio entre extratores de pedras, pedras e a construção civil da cidade.

O que filmar? O que fotografar? O que permanece no enquadramento? O que fica e o que sai na edição? O que pode ser filmado/fotografado? O que os interlocutores da pesquisa pensam sobre as imagens produzidas? Sautchuk (2007, p. 23) afirma que a câmara além de ser uma produtora de imagens é também uma produtora de questões na etnografia. Nesse processo de pesquisa não foi diferente, pois estar com uma câmara na mão e com diversas questões teóricas relacionadas à prática da etnografia, proporcionou o engajamento do meu corpo no ato de observar, fotografar, filmar e escrever.

As escolhas relacionadas à produção das imagens eram feitas com a mesma rapidez com que os movimentos no campo foram executados. Qual enquadramento comunica melhor à experiência? Qual evento deveria ser fotografado, ou filmado? O mais apropriado seria observar pelo visor da câmara, ou vivenciar a experiência sem a presença desse dispositivo? Tudo acontecia muito rápido na relação entre extratores e pedras. O corpo/câmera interagia nesse fluxo tentando “registrar” o ritmo dos movimentos, as intenções ali vivenciadas. A intenção não era a de produzir imagens que fossem fiéis em retratar a “realidade”, mas de conseguir construir imagens que dialogassem com o conhecimento que estava sendo aprendido e construído no encontro etnográfico.

Pedra na Pedreira

Na base de uma das jazidas havia resíduos de carvão e cinzas. A superfície da rocha também possuía uma pequena camada de carvão, vestígio de que havia sido queimada. Nessa ocasião, não encontramos nenhum extrator na pedreira. Foi a primeira tentativa de encontrar Zé Boa Fé em um de



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

seus locais de trabalho. Eu estava acompanhado de outros dois membros da equipe do Refazer, então perguntei para Sol, bioconstrutor e proponente do projeto, se ele saberia explicar porque aquela rocha havia sido queimada, Sol respondeu: *“uma fogueira baixa e constante na base da rocha facilita o processo de extração. A fumaça e o fogo “sufoca” a pedra, sem respirar, ela é partida com mais facilidade”*. Nesse dia também fui informado por Sol que a pedra “quebra” as pessoas que não respeitam o tempo delas: *“quem trabalha com pedra precisa ter mais paciência do que força, não adianta chegar querendo quebrá-la de qualquer forma, tem que observar o comportamento da pedra, tem que ser sem pressa”*.

Ali na pedreira acredito ter vivenciado o que Strathern (2014, p.350) definiu como “momento etnográfico”. A autora conceitua esse momento como “a relação que junta o que é entendido (que é analisado no momento da observação) à necessidade de entender (o que é observado no momento da análise)”. Minha percepção sobre pedras havia mudado. No quarto mês do trabalho de campo, as texturas, a geometria, a porosidade, a densidade das pedras, passaram a ser motivo de constantes reflexões. Comecei a observar o uso da pedra na construção civil da cidade. As pedras estavam presentes no calçamento, no revestimento de muros, no revestimento das calçadas, nas edificações históricas, na bioconstrução e nos alicerces das casas. Em cada fluxo, ela se relacionava com os outros materiais de forma distinta. Mudava a coloração, a forma e a textura. Algumas eram tingidas por musgos, por lodos, pelo cimento, pela poeira acumulada, pelo tempo.

A imagem da crosta de carvão sobre a pedra foi um momento de “conhecimento e discernimento”(STRATHERN, 2014, p.350), uma vez que se tratou do primeiro gatilho disparado rumo ao desejo de entender o que significava sufocar a pedra, pois até então eu não sabia que ela poderia respirar. Ir devagar para não ser quebrado. Sabia que relações mediadas por pedras em fluxo também poderia emergir naquele contexto como percepções perante o “material”.

Já na primeira experiência com as pedreiras do Bonito, fomos conduzidos por Fábio e pelo seu irmão Irlando. Eles nos guiaram por uma pequena trilha que deu acesso a primeira pedreira que conheci no local. A cor do solo e das rochas era branco acinzentado, cobertos em parte por uma vegetação característica do cerrado composta por árvores distantes uma das outras, de galhos e troncos retorcidos. Arbustos de pequeno porte cobriam a maior parte do terreno, sendo interrompido somente pela fenda aberta de onde as pedras eram extraídas. A pedreira possuía uma profundidade de aproximadamente doze metros. Antes de entrar especificamente na cratera, olhando a pedreira de

cima, a sensação que tive foi de espanto causada perante a magnitude das jazidas e dos lajedos. Fiquei imaginando o tempo necessário para a formação daquelas rochas.

Segundo Fábio, interlocutor da minha pesquisa, essa pedreira vem sendo explorada há aproximadamente dezoito anos. Existe uma rotatividade na exploração das pedreiras do Bonito. O tipo de exploração praticada por eles não consiste na extração das pedras de uma pedreira até o seu esgotamento. A extração depende da demanda de mercado que especifica as características (cor, tamanho, resistência, etc.) da pedra desejada. Desse modo, as pedreiras ficam abertas e entram em funcionamento de acordo com as encomendas, já que cada pedreira oferece um tipo diferente de pedra. Atualmente, das trinta pedreiras existentes no Bonito, apenas quatro estão em funcionamento. Fábio nos informou que as pedras extraídas do Bonito são conhecidas localmente como pedras São Tomé, pedras lajeadas, pedras laje, ou pedras de face. São quartzitos, rochas metamórficas compostas essencialmente por quartzo. Segundo o dicionário o Dicionário Livre de Geociências: 5

Os quartzitos são rochas muito resistentes ao intemperismo químico e físico e tendem a se destacar no relevo, dando origem a serras e morros. Em geral os quartzitos são originados de rochas sedimentares quartzosas, principalmente arenitos, formados em ambientes aquáticos costeiros de alta energia. Arenitos impuros, contendo material argiloso, dão origem a quartzitos micáceos, na medida que as argilas se transformam em micas pelo metamorfismo. Devido à presença das micas os quartzitos micáceos rompem-se em placas, sendo muito utilizados, in natura, como material de revestimento de pisos e paredes externas (DICIONÁRIO LIVRE DE GEOCIÊNCIAS, 2017).

Perguntei para Irlanda e para Fábio como eles identificam uma pedreira no terreno: “a identificação acontece por meio de uma “costelinha”, parte da pedreira que aparece exposta na superfície, depois disso, a gente cava para identificar se a pedreira presta, ou não presta. Algumas têm um metro de terra, dois metros de terra, mas sempre tem um detalhe que mostra”, eles responderam.

5 <https://www.dicionario.pro.br/index.php/Quartzito>



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

A comercialização das pedras maiores do estilo laje, utilizadas principalmente para a construção de mesas, balcões, bancos etc., geralmente é realizada na própria cidade. A maioria dessas pedras é utilizada na construção civil local. Irlando relatou: *“sempre que algum tem um quintal e quer por uma mesa a gente vende. A média de preço é de R\$ 100,00 o metro quadrado, ou redondo de pedra”*.

Segundo Irlando, as pedras “mais moles” são usadas para a confecção de artesanato, as “mais duras” são usadas para revestimento, ou para a construção de mesas, dependendo do tamanho. Sobre o trabalho e seu conhecimento com as pedras Fábio narrou: *“você tem que aproveitar o que a pedra lhe oferece, se você pega a pedra e trabalha com ela com dedicação, você vai fazer um trabalho ali mostrando o que ela é, né? Se você melar tudo, fizer de qualquer jeito, acabou a pedra, acabou o material... A pedra é resistente e interessante, você tem que usar essas duas qualidades dela para expor no serviço, se não usar a resistência você não vai dá muita bola para a formação dela, os desenhos, por isso a gente se destaca um pouco nesse negócio de trabalhar com a pedra, porque a gente sempre procurou mostrar “a pedra”, não é nosso trabalho em si, na verdade a pedra é que tá sendo exposta (...). Tem algumas pessoas na cidade que trabalham com pedra, que pegou a manha assim para trabalhar... só que não gostam. Chegou um povo na cidade aí e todo mundo procura a gente para trabalhar com a pedra por falta de opção, chegavam e perguntavam para os pedreiros e eles indicavam, falavam “ah, não estamos mais trabalhando com pedra não, os meninos do Bonito que trabalham”*.

Fábio e Irlando cresceram ajudando o seu pai no ofício de extrator de pedras. Além disso, ambos habitam um lugar cercado por rochas e por pedreiras. Levando em consideração essas experiências, certamente eles possuem uma percepção aprimorada em relação às características desse material. Fábio narrou que quando criança tinha a impressão de que as pedras cresciam, porém não acredita mais nessa teoria. Perguntei por qual motivo ele deixou de acreditar que a pedra crescia, ele respondeu: *“a pedra é o que ela é, está mais fácil a pedra reduzir pelos seus efeitos naturais do que crescer, por isso entendo que uma pedra não tem a mínima chance de crescer, por que existe um limite nela aqui, ela é isso que ela é aí, né? Se a pedra crescesse, eu acredito que aos poucos a terra se elevaria, por que só tem pedra debaixo da terra...”*

Fábio acredita que a demanda pela compra de pedras na cidade tem diminuído. Ele relatou que existe uma associação de extratores de pedra de Rio de Contas onde ele atua como secretário e



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

seu primo como o atual presidente. Porém, mesmo existindo legalmente, a associação está com suas atividades suspensas. No começo das atividades a associação registrava a presença de trinta associados em média. Segundo Fábio, o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA) permite a extração de forma artesanal em pedreiras com inclinação de no máximo 45°. Ele considera que “o trabalho com pedra está no sangue”, levando em consideração principalmente o fato de que várias pessoas de sua família (pai, irmãos, primos, etc.) exercem, ou já exerceram essa atividade.

Em uma manhã de filmagem nas pedreiras do Bonito, a Engenheira Florestal Catarina, também participante do Projeto Refazer, perguntou para os irmãos qual é o procedimento realizado após a finalização dos trabalhos de extração em uma pedreira. Fábio respondeu que esse tema já foi discutido na Associação, que o ideal seria aterrar o local de extração com o próprio material retirado da cratera da pedreira e que não serviria para a comercialização. Mas segundo Fábio, essa prática seria economicamente inviável, porque o lucro obtido com a extração teria que ser gasto com o aluguel de máquinas para o fechamento da mesma. Irlando ressaltou que eles continuam trabalhando em pedreiras abertas há vinte e sete, vinte oito anos. Essas pedreiras continuam sendo exploradas, pois o trabalho artesanal de extração em pequena escala aumenta o tempo de produtividade das pedreiras. Sobre a legislação ambiental Fábio narrou a seguinte reflexão: *“a gente deve acreditar no que a gente vê, né? O estudo é ótimo, o intelecto é importante, mas chega num limite que ele ultrapassa essas coisas naturais, ele tira a certeza que as pessoas tem das coisas e coloca na nossa mente aquilo que a gente não pode compreender, né? Não é bom imaginar que isso sempre teve aí? De quando foi criado e que agora chega um sujeito e tá desmontando? Não falo que tá destruindo porque eu acredito que foi colocado aí para a gente usar, né? Toda a natureza... mas infelizmente o descontrole humano que tá acabando, se o homem fosse controlado, moderado...”*

Irlando mencionou que um italiano que possuía uma pedreira em uma localidade chamada Buninal queria extrair pedras para serem comercializadas na Itália. Esse homem tinha a intenção de industrializar o processo de extração. Fábio comentou esse episódio: *“Deus não permitiu, graças a Deus que... antigamente a gente tinha esperança de progresso, né? Mas hoje agradecemos a Deus pelo progresso não ter vindo, porque se tivesse chegado à destruição estava feita aí, aí a gente sabe que os poderosos têm condições, têm estratégias para corromper, subornar as leis, né?”*. Gláucia, diretora audiovisual do Refazer, perguntou o que era progresso, Fábio respondeu: *“progresso é investimentos, né?”*



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Em sua narrativa, Fábio pontua que “*tem que aproveitar o que a pedra lhe oferece, se fizer de qualquer jeito, acabou a pedra, acabou o material*”. Nesse sentido, o fluxo da pedra também é relevante na execução do trabalho de extração. A pedra não é entendida e vivenciada como um material inerte que está no ambiente de forma passiva. Ela interage e está no “fluxo da vida”, entender esse movimento é essencial para a execução do seu trabalho. A forma com que ela se relaciona com os outros materiais, como a terra, a água, o vento, o fogo e o ferro, é diferente decorrente do tipo de relação que é estabelecida.

No livro *The Materiality of Stone*, Tilley (2004) aborda por meio de uma perspectiva fenomenológica as qualidades materiais sensíveis da pedra. Sensações táteis, qualidades sonoras, cor e impressões visuais são trabalhadas como importantes elementos na análise do significado "cultural" e "natural" das pedras nas paisagens europeias pré-históricas. Na conclusão desse trabalho, Tilley (2004) reforça o argumento trabalhado no decorrer do livro de que “as pessoas fazem coisas e coisas fazem pessoas”. Para Tilley (2004), um dos principais problemas que sempre tivemos no que diz respeito ao entendimento do significado das formas materiais e da nossa capacidade de teorizá-las adequadamente em relação às pessoas provém dos dualismos que governam nosso próprio pensamento, em que “a mente se separa do corpo, a natureza da cultura, o sujeito de objeto, o literal do metafórico” (TILLEY, 2004, p.217).

O conceito de materialidade, em Tilley (2004, p.17), surge da necessidade de esboçar um mundo que aborde “as vidas sociais das pedras em relação às vidas sociais das pessoas”. Porém, Tilley (2007, p.17) afirma que “há um mundo de pedras que é alheio às ações, pensamentos e relações sociais e políticas dos seres humanos”, nesse sentido, esse seria o aspecto das pedras como “materiais brutos”. Esses aspectos, como os das estruturas moleculares, seriam os estudados pelos geólogos. Mas, há um mundo em que as pedras são incorporadas na vida dos seres humanos que lhe atribuem significados e formas por meio da incorporação nos contextos históricos e sociais. Esse seria o campo de trabalho dos arqueólogos e dos pesquisadores da cultura material (INGOLD, 2015, p.66).

A noção de materialidade é problemática para Ingold (2015) pelo fato dela continuar reproduzindo o binarismo entre o material e o social. Já o conceito de “mundo de materiais” tem como propósito ressaltar a ideia de que a “vida social das pessoas não está em um plano de existência além e acima do biofísico”. As pedras que habitam o mundo figuram no humano e os humanos figuram no contexto das pedras. Porém, o mundo em que “pedras” e “humanos” habitam é o mesmo

mundo, o mundo de materiais. Ingold (2015, p.67) não nega os níveis diferentes da existência, porém acredita que esses níveis são regiões sobrepostas do mesmo mundo:

Considerada um componente do mundo material, uma pedra é, na verdade, tanto um amontoado de matéria que pode ser analisado pelas suas propriedades físicas quanto um objeto cuja significância é extraída de sua incorporação no contexto das questões humanas. O conceito de materialidade, como vimos, reproduz essa dualidade, ao invés de contestá-la. Mas no mundo dos materiais, os humanos figuram tanto no contexto das pedras quanto as pedras no contexto dos humanos. E esses contextos, longe de mentirem sobre os níveis díspares de existência, respectivamente social e natural, são estabelecidos como regiões sobrepostas do mesmo mundo (Ingold, 2015, p.67).

Considerações Finais

No que diz respeito aos aspectos teórico-metodológica dos estudos sobre as “materialidades”, ou “o mundo de materiais”, Ingold (2015) e Tilley (2004) concordam que o mundo físico e o mundo das ideias são “dois lados de uma mesma moeda, mas dois lados, no entanto” (INGOLD, 2015, p.66). Mas para Ingold (2015), o conceito de “materialidade bruta” em Tilley (2004) continua reproduzindo o dualismo “mundo material/cultural” ao invés de contestá-lo. Essa idéia supõe que o mundo material estaria cristalizado de forma sólida e homogênea, à espera da intervenção/sobreposição de uma forma cultural. Nesse mundo estabilizado, nada poderia fluir. O vento, clima, chuva, não são levados em consideração no que diz respeito à transformação e fluxos dos materiais.

Já a ideia de “mundo dos materiais” figuraria tanto no contexto das pedras, quanto as pedras no contexto dos humanos. O argumento de Ingold (2015) ao defender um retorno ao “mundo de materiais” é o de que é a partir dos materiais que tudo é feito. Não no sentido de uma “fiscalidade bruta”, que aguarda o surgimento dos humanos para que estes possam conferir-lhe forma e significado, mas no sentido de que as pedras também possuem história, construídas na relação com o seu entorno, que pode incluir humanos e outras coisas. Assim, Ingold (2015) não concebe a existência

de um mundo que não seja de materiais forjados pelos desdobramentos das relações entre o “ser” dos humanos e dos não humanos.

A percepção de Fábio perante sua prática com pedras parece seguir um caminho diferente do binarismo entre o mundo material e cultural e está mais próxima da noção de fluxo e “mundo de materiais” presente em Ingold (2012). A pedra para Fábio não é um “objeto” estagnada fora do movimento da vida. Endender a fluidez, o comportamento e vontade das pedras é algo essencial para a realização do seu trabalho como extrator e *designer* de pedras. Essa percepção é evidente quando ele reflete, por exemplo, sobre sua prática: *“a gente deve acreditar no que a gente vê, né? O estudo é ótimo, o intelecto é importante, mas chega num limite que ele ultrapassa essas coisas naturais, ele tira a certeza que as pessoas tem das coisas e coloca na nossa mente aquilo que a gente não pode compreender né?”*.

Seria o estudo científico da “materialidade bruta” que *“tira a nossa certeza e coloca em nossas mentes aquilo que não podemos compreender”* em relação as pedras? O trabalho de extração e o de utilização da pedra como material construtivo requer um conhecimento apurado em relação às texturas, às formas, à densidade, à cor, à porosidade, como mencionado por Fábio: *“você tem que aproveitar o que a pedra lhe oferece (...), a pedra é resistente e interessante, você tem que usar essas duas qualidades dela para expor no serviço, se não usar a resistência você não vai dá muita bola para a formação dela, os desenhos, porque a gente sempre procurou mostrar a pedra, não é nosso trabalho em si, na verdade a pedra é que tá sendo exposta (...), quem trabalha com pedra sabe que é ela que vai te oferecer o que vai ser feito. Você só deseja que seja feito de pedra”*.

Levar em consideração as propriedades das pedras é essencial para o trabalho de extração, mas não no sentido de separar as pedras dos outros materiais que habitam o mundo. Fábio entende o seu trabalho como uma mediação no *mundo de materiais*. Ele conhece e respeita os limites da pedra, não impõe seu desejo perante o material, explora as possibilidades criadas por meio da relação, sempre levando em consideração a formação da pedra, o lugar onde ela está localizada, sua cor, as linhas presentes em sua superfície. Ao começar um trabalho com pedra seu projeto nunca é fechado, existe uma intenção inicial que é transformada na constante troca entre seu corpo engajado no trabalho, a materialidade, a vida das pedras e os efeitos emergentes dessa relação.



Foto 05. Montanha entre Rio de Contas e Livramento de Nossa Senhora.

Referências Bibliográficas:

APPADURAI, Arjun. *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*; Tradução de Agatha Bacelar – Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. *A construção de imagens na pesquisa de campo em Antropologia*. In: *Iluminuras*, Porto Alegre, v.13, p.11-29, jul./dez. 2012.

CALVINO, Italo. *As Cidades Invisíveis*. Companhia das Letras, 1990. 1ª ed. [Le città invisibili, 1972] Tradução: Diogo Mainardi.

INGOLD, Tim. *Trazendo as Coisas de Volta à Vida: Emaranhados Criativos num Mundo de Materiais*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p.25-44, jan/jun. 2012.

INGOLD, Tim. *Estar Vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição* Petrópolis: Editora Vozes, 2015.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

PIEROTE SILVA, Jean Pierre. *Deslocamentos Patrimoniais: polifonias, memórias e visualidades em Rio de Contas (BA)*. Dissertação de mestrado. Goiânia: PPGAS / UFG, 2014.

SAUTCHUK, C. E. *O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá)*. Tese de doutorado, Departamento de Antropologia – Universidade de Brasília. 2007.

STRATHERN, Marilyn. O Efeito Etnográfico. In: *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

TILLEY, C. *The materiality of stone*. Oxford: Berg, 2004.